

Disciplinas oferecidas em 2026/2

Código: LIT976 - Turma: B - Nível: M/D - 60 horas - 4 Créditos

Disciplina: Literaturas Modernas, Contemporâneas e outras Artes e Mídias (REVISÕES DO PARAÍSO - OU A CRISE DO PARADIGMA EDÊNICO NO IMAGINÁRIO ARTÍSTICO BRASILEIRO NA ERA DO ANTROPOCENO)

Área de Concentração: Literaturas Modernas e Contemporâneas

Professor(es): DAVIDSON DE OLIVEIRA DINIZ

Ementa:

O paradigma edênico, isto é, as discursividades oriundas da alegoria do Paraíso Terrestre, conforme Sergio Buarque de Holanda formulou em *Visão do Paraíso* (1958), obra ensaística publicada pela primeira vez a meados do século passado, tornou-se determinante para as representações artísticas da natureza e da paisagem no Brasil, bem como para as extensões do continente latino-americano. Desde os princípios da ocidentalização das regiões selváticas e litorâneas ameríndias – embora com uma notável distinção de grau entre o processo português (inclinado ao empirismo moderno) e o processo espanhol (feérico em seu apego às lendas e fabulações medievais) – foi determinante uma mundividência construída por meio de um “esquema fixo das paisagens edênicas como representação da fascinação colonizadora” (cf. Buarque de Holanda, 1958). À luz disso, o início das relações e das nomeações das paisagens e dos postulados poéticos, em latitudes latino-americanas diversas, deu-se vazão a uma mimesis condicionada às alegorias paradisíacas trazidas até nós pelos europeus herdeiros dos imaginários de bestiários medievais e das discursividades bíblicas. A longa duração dessa tradição expedicionária acerca do tropismo edênico enquanto fundamento das interpretações americanas símiles a um Éden Terrenal alcançaria as poéticas do romantismo no período de formação nacional da literatura no Brasil. Após um longo período de hegemonia dos quadros discursivos de paisagens edênicas, entretanto, a visão paradisíaca da mimesis de colonização estaria hoje em dia sob um regime de colapso representacional quando vemos se concretizar o imperativo de um catastrofismo que veio tomando corpo desde os princípios da época modernista – emergindo em primeira mão de Sousândrade, e logo de Euclides da Cunha, das vanguardas históricas com Mario de Andrade, do romance regionalista da década de 1930 e da poesia dos períodos do entreguerras e do pós-guerra, a exemplo de Ferreira de Castro e, mais tarde, Carlos Drummond de Andrade e, também, João Cabral de Melo Neto, alcançando (e se consolidando) nos dias atuais mediante as obras de Davi Kopenawa, de Ailton Krenak, de Prisca Agustoni, nas searas da poética e da ensaística, e, nos campos figurais das artes visuais, esculturais e instalações, em artistas brasileiros ou estrangeiros residentes, como Matthew Barney, Silveira Noronha, Darks Miranda, Christian Cravo, Douglas Magno, Mundano, Xadalu Tupã Jekupé, Mulheres do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), entre outros. Confrontando as estéticas e políticas características de tais obras, é possível trabalhar, conforme faremos ao longo deste seminário, com a hipótese de crise do paradigma edênico, que estabelecera padrões hegemônicos de representação artística por pelo menos três séculos quanto à constituição mimética das poéticas brasileira e agora se encontra sob ameaças de ser suplantado pelo momento catastrofista tão determinante nas configurações artísticas deste princípio de século XXI. Essa crise estaria nos conduzindo então ao coração de uma alternativa poética que gradualmente vem prescrevendo o fim de uma forma de mundo obsoleto cujo modelo modernizador estaria estabelecido sobre bases extrativistas e comoditizações típicas do capitalismo neoliberal tardio. Procuraremos ao longo dos nossos encontros, portanto, apresentar e debater algumas hipóteses da nossa pesquisa em andamento neste âmbito das escatologias vitalistas nas artes atuais e, também, ler criticamente as teorias precedentes que surgiram como formadoras do paradigma edênico, do sublime e da paisagem em perspectivas americanas. Para isso, após percorremos os fundamentos do paradigma edênico, as teorias do sublime (em suas conotações clássicas, medievais e modernas) e da paisagem (conforme sua definição conceitual no campo figural da modernidade), interpelaremos obras poéticas, ensaísticas e uma seleção de artes visuais e instalações da atualidade, a exemplo

dos citados Kopenawa, Krenak, Agostoni, bem como Matthew Barney, Silveira Noronha, Darks Miranda, Christian Cravo, Douglas Magno, Mundano, Xadalu Tupã Jekupé, Mulheres do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), entre outras obras que cruzaram nosso debate em sala de aula. O que se vê nessas obras heterogêneas, porém possíveis de serem nomeadas sob o giro paradigmático na representação das artes brasileiras da atualidade, não é exatamente um negativismo obtuso, estagnador ou niilista. Antes, conforme começávamos a sublinhar acima, trata-se de uma espécie de catastrofismo de caráter vitalista, ou seja, deflagrador de uma representação crítica e de inclinação combativa que, em lugar de se deixar emudecer por um catastrofismo realista, isto é, por uma ideologia paralisante que deseja prescrever como caminho único possível e incontornável a ausência de alternativas para o colapso da Terra na era da degradação paisagística e da ebulição climática, estaria propondo um regime escatológico deliberadamente seletivo e dinâmico, um apocalipse revitalizador. Em suma: encontraríamos, agora, um catastrofismo vital cujo princípio estaria em consolidar um estado de deflagração de imaginários representativos para o fim de um modelo de mundo colapsado com fins de imaginar e refundar horizontes de expectativa capazes de vislumbrar um mundo outro possível, muitas vezes interpretado por uma futurabilidade ancestral, emergindo então como alternativa à ideologia obliterante do capitalismo tardio que atrofia nossa imaginação política e estética. As hipóteses de trabalho ao longo do curso se concentrarão ao redor de questões dessa natureza tão recorrente na era das catástrofes ambientais e climáticas. Quais as origens do paradigma edênico na formação discursiva da mimesis de colonização no espaço e nas paisagens brasileiras? Quais seriam as continuidades e as discontinuidades possíveis de se estabelecer entre o paradigma edênico colonial e as poéticas pós-coloniais da catástrofe vitalista em dias mais recentes? Como essas inflexões atualizam e subvertem as ideias de natureza e de cultura, de paisagem e de sublime, assim como as de mito e de modernização? E as conceitualidades acerca das noções de progresso, modernização e técnica? O que muda e o que permanece? De que modo, enfim, o catastrofismo vitalista, terminologia de que nos ocuparemos de conceituar ao longo deste curso, estaria repensando a mimesis edênica colonial e o sublime tropical na atualidade das produções artísticas no Brasil a partir de uma perspectiva decolonial que reflete a exaustão das matrizes energéticas do capitalismo neoliberal tardio? E no contexto latino-americano, o que seria de se considerar em perspectiva comparatista a partir do Brasil? Haveria linhas de sincronidades aproximativas entre este sintoma decolonial brasileiro (a passagem do paradigma edênico às poéticas do catastrofismo vitalista) e seus pares interamericanos e globais – ou tudo isso não passaria de coisa nossa? E ainda: quais relações encontraríamos entre a práxis e as poéticas do catastrofismo vitalista no Brasil e as forças dos ativismos imanentistas que se configuram hoje em dia como características definidoras das ecopolíticas operantes no cenário mundializado deste princípio de século XXI? São algumas das questões que procuraremos problematizar e conceituar, voltando-nos para o campo literário e o meio artístico brasileiro, mas observando com lentes seletivas os interstícios destas questões em perspectiva latino-americanista e globalista na era do Antropoceno.

Programa:

1ª AULA: Apresentação do programa do curso; definição das atividades avaliativas; início do primeiro eixo temático do seminário – O paradigma edênico (formação, continuidade e discontinuidades). Leitura obrigatória: Visão do Paraíso, Sergio Buarque de Holanda (seleção de capítulos); Leituras suplementares: a) O jardim das Hespérides, Laura de Mello e Souza (seleção de capítulos); b) O reino e o Jardim, Giorgio Agamben (integral);

2ª AULA: continuação do primeiro eixo temático – O paradigma edênico (formação, continuidade e discontinuidades). Leituras: Sitios de las cordilleras y monumentos de los pueblos indígenas de América, Alexander von Humboldt (seleção de capítulos); Cartas americanas, Alexander von Humboldt (seleção de cartas); Viajeros hispanoamericanos, Estuardo Nuñez (org.) (seleção de capítulos); Hegel e o Haiti; Susan Buck-Morss (seleção de capítulos);

3ª AULA: início do segundo eixo temático – Paisagem, sublime, técnica e desnaturezas. Leituras obrigatórias: a) A invenção da paisagem, Anne Cauquelin (seleção de capítulos); b) O tempo da paisagem, Jacques Rancière (seleção de capítulos);

4ª AULA: continuação do segundo eixo temático – Paisagem, sublime, técnica e desnaturezas. Leituras obrigatórias: a) O pensamento-paisagem, Augustin Berque (seleção de capítulos); b) A natureza do espaço, Milton Santos (seleção de capítulos);

5ª AULA: continuação do segundo eixo temático – Paisagem, sublime, técnica e desnaturezas. Leituras obrigatórias: a) “A questão da técnica”, Martin Heidegger. In.: Revista Sci. Stud. 5 (3), set. 2007. (integral); b) “Imitação da natureza: contribuição à pré-história da ideia de homem criador”, Hans Blumenberg, pp. 87-135. In.: Luiz Costa-Lima (org.) Mimesis e a reflexão contemporânea (integral);

6ª AULA: continuação do segundo eixo temático – Paisagem, sublime, técnica e desnaturezas. Leituras obrigatórias: a) Do sublime, Longino (leitura integral); b) “Analítica do Sublime” (In.: Crítica da faculdade de julgar), Immanuel Kant. (leitura integral)

7ª AULA: início do terceiro eixo temático – Poéticas do catastrofismo vitalista. Leituras obrigatórias: a) O Brasil não é longe daqui, Flora Sussekind (seleção de capítulos); O sublime tropical: transcendência, natureza e nação na formação do romantismo brasileiro (2005), Marcos Machado Nunes (Tese defendida na UFRGS, 2005);

8ª AULA: continuação do terceiro eixo temático – Poéticas do catastrofismo vitalista. Leitura obrigatória: a) O Guesa, Sousândrade (seleção de cantos); b) Um paraíso perdido, Euclides da Cunha (seleção de capítulos); c) O turista aprendiz, Mario de Andrade (seleção de capítulos); d) A selva, Ferreira de Castro (seleção de capítulos);

9ª AULA: continuação do terceiro eixo temático – Poéticas do catastrofismo vitalista. Leitura obrigatória: a) La voragine, José Eustasio Rivera (seleção de capítulos); b) Eisejuaz, Sara Gallardo (integral); A morte e o meteoro, Joca Reiners Terron (integral);

10ª AULA: continuação do terceiro eixo temático – Poéticas do catastrofismo vitalista. Leituras obrigatórias: a) Seleção de poemas de Carlos Drummond de Andrade; b) Maquinação do mundo. Drummond e a mineração, José Miguel Wisnik (seleção de capítulos);

11ª AULA: continuação do terceiro eixo temático – Poéticas do catastrofismo vitalista. Leituras obrigatórias: a) “O Rio”, João Cabral de Melo Neto (integral); b) O gosto amargo dos metais, Prisca Agustoni (integral);

12ª AULA: continuação do terceiro eixo temático – Poéticas do catastrofismo vitalista. Leituras obrigatórias: a) O Grande Desatino, Amitav Ghosh (seleção de capítulos); b) Há mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins, Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (seleção de capítulos);

13ª AULA: continuação do terceiro eixo temático – Poéticas do catastrofismo vitalista. Leituras obrigatórias: a) Futuro ancestral, Ailton Krenak (integral); b) Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak (integral); c) A queda do céu, Davi Kopenawa (seleção de capítulos); d) Carta da comunidade Guarani-Kaiowá de Pyelito Kue/Mbarakay-Iguatemi-MS para o Governo e Justiça do Brasil;

14ª AULA: continuação do terceiro eixo temático – Poéticas do catastrofismo vitalista. Leituras obrigatórias: a) “De lama lâmina”, Matthew Barney; b) “Paisagens mineiradas: marcas no corpo-território”, Silveira Noronha; c) As escatologias escultóricas de Darks Miranda: o ovo, a flor e o vulcão; c) “Agridoce”, Haroon Gunn-Sallie; d) “Tenebris”, Christian Cravo; e) “Mar de lama”, Douglas Magno; e) “Pare a destruição”, o muralismo de Mundano; f) “Yvyra ovy Tekove”, Xadalu Tupã Jekupé + Coletivo MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin); g) Mulheres do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens);

15ª AULA: continuação do terceiro eixo temático – Poéticas do catastrofismo vitalista. Leituras obrigatórias: a) As cartografias

incendiárias de Horacio Zabala; b) Manifestos e comunicados do Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN); c) “Manifesto acelerar: por uma política aceleracionista”, Alex Williams e Nick Srnicek;

Bibliografia:

AGAMBEN, Giorgio. O reino e o Jardim. Trad. Vinícius N. Honesko. São Paulo: n-1, 2022.

AGUSTONI, Prisca. O gosto amargo dos metais. Rio de Janeiro, 7Letras, 2022.

ANDRADE, Mario de. O turista aprendiz. Brasília: IPHAN, 2015.

BERQUE, Augustin. O pensamento-paisagem. Trad. Vladimir Bartolini e Camila Gomes Sant’Anna. São Paulo: EDUSP, 2023.

BLUMENBERG, Hans. “Imitação da natureza: contribuição à pré-história da ideia de homem criador”, In.: Luiz Costa-Lima (org.) Mímesis e a reflexão contemporânea. Rio de Janeiro, Eduerj, 2010, pp. 87-135. (integral);

BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

BUCK-MORSS, Susan. Hegel e o Haiti. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2017.

CABRAL DE MELO NETO, João. “O Rio”. In.: _____. Poesia completa. Rio de Janeiro, 202º, pp. 115-143.

CASTRO, Ferreira de. A selva. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2020.

CAUQUELÍN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CUNHA, Euclides da. Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos. Petrópolis: Vozes/Brasília: INL, 1976.

FURTADO, André; VENANCIO, Giselle (orgs.). Visão do Paraíso, de Sérgio Buarque de Holanda, seis décadas de um ensaio. Rio de Janeiro: Faperj / Fino Traço, 2021.

GALLARDO, Sara. Eisejuaz. Trad. Mariana Sánchez. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

HEIDEGGER, Martin. “A questão da técnica”. Trad Marco Aurélio Werle. In.: Revista Scientiae Studia (vol. 5, nº 3, 2007, pp. 375-398).

HUMBOLDT, Alejandro de. Sitios de las cordilleras y monumentos de los pueblos indígenas de América. Trad.: Bernardo Giner. Madrid: Imprenta y Librería de Gaspar, Editores, 1878.

_____. Cuadros de la Naturaleza. Trad.: Bernardo Giner. Madrid: Imprenta y Librería de Gaspar, Editores, 1875.

_____. Cartas americanas. Compilación, prólogo, notas y cronología de Charels Minguet. Trad. Marta Traba. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1989.

KANT, Immanuel. Crítica da faculdade de julgar. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

KERMODE, Frank. O sentido de um fim. Estudos sobre a teoria da ficção. São Paulo: Todavia, 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. S.P.: Cia das letras, 2019.

_____. Futuro ancestral. S.P.: Cia. das Letras, 2022.

LONGINO. Do sublime. Trad. Filomena Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 2025.

MATTOS, Amilton Pelegrino. "O Mahku: Movimento dos Artistas Huni Kuin e outros devires-Huni Juin da Universidade". In.: Revista Indisciplinar, v.2. n.2 (2016), pp. 53-72.

MELLO E SOUZA, Laura de. O jardim das Hespérides. Minas e as visões do mundo natural no século XVII. Cia das Letras, 2022.

NUNES, Marcos Machado. O sublime tropical: transcendência, natureza e nação na formação do romantismo brasileiro. Tese defendida na UFRGS, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. O tempo da paisagem: nas origens da revolução estética. São Paulo: Martins Fontes, 2024.

RIVEIRA, José Eustasio. La Voragine. Venezuela: BBT Ayacucho, 1980.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2006.

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. O Guesa. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2009.

SUSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem (1990). São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

TERRON, Joca Reiners. A morte e o Meteoro. São Paulo: Todavia, 2019.

VV. AA. Viajeros hispanoamericanos. Selección, prólogo y bibliografía Estuardo Nuñez. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1989.

Wisnik, José Miguel. Maquinação do mundo. Drummond e a mineração. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

Outras referências (cartas, manifestos e obras visuais):

. ARQUIVOS DO EZLN (Ejército Zapatista de Libertación Nacional):
<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/category/archivo-historico/2023/>

. CARTA da comunidade Guarani-Kaiowá originárias de tekoha Pyelito kue/Mbrakay ao Governo e Justiça do Brasil:
https://www.sjpdf.org.br/SJPDF/Arquivos/Arquivos_avulsos/CARTA_DA_COMUNIDADE_GUARANI__1_.pdf

. Coletivo MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin) : <https://www.masp.org.br/exposicoes/mahku-miracoes> &
<https://35.bienal.org.br/participante/mahku/>

- . Christian Cravo: <https://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/mariana-christian-cravo/>
- . Darks Miranda: https://sardenberg.co/wp-content/uploads/2025/01/PDF_DARKS.pdf
- . Douglas Magno: <https://douglasmagno.com.br/mariana/>
- . Haroon Gunn Salie:
https://site.videobrasil.org.br/canalvb/video/2147667/Haroon_Gunn_Salie_Agridoce
- . Mapas de Horacio Zabala: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/2450>
- . Matthew Barney: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/matthew-barney/>
- . Mulheres do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) : <https://mab.org.br/mulheres/>
- . Mundano: https://www.catalogodasartes.com.br/cotacao/obrasdearte/artista/Mundano/ordem/inclusao_mais_recente/pagina/1/
- . Silveira Noronha: <https://www.dw.com/pt-br/lama-de-mariana-vira-arte/a-40749289>
- . Xadalu Tupã Jekupé : <https://www.premiopipa.com/xadalu-tupa-jekupe/>

Pré-requisitos:

compreensão de textos escritos em espanhol

Outras exigências: